

MUSEU DA PESSOA

História

Revivendo Sempre

História de: [Pedro César Alves](#)

Autor: [Pedro César Alves](#)

Publicado em: 30/12/2006

História completa

Nascimento de um menino com alguns quilinhos, cinqüenta centímetros, às catorze horas do dia sete de dezembro de 1970... Pedro César Alves. Filho de Pedro Alves Neto e Janir Abigail Dias Alves. Brasil: tri-campeão mundial no futebol. Lendo a história do futebol no Brasil vi que tive sorte, pois quando nasci o Brasil sagrou-se campeão mundial e quando casei-me também - 1994. Vivo intensamente a vida. A minha cidade é Araçatuba - quente por natureza. Aqui cresci, estudei, amei, constituí família e, por conseguinte, quero que os meus ossos aqui repousem também. Nesta trajetória de vida, muitas coisas se passaram, muitos caminhos foram cruzados, traçados - e, talvez, até desviados - mas por justa causa. Antes da história de minha vida, acrescento: ausentei de minha cidade por um espaço de um ano e meio, pois tive que trabalhar na cidade vizinha - Birigüi. Mas também valeu a pena, pois não tenho a alma pequena. Criado numa família simples, trouxe comigo que trabalhar não faz mal a ninguém, pelo contrário: enobrece. Apesar dos pesares (de não ter uma vida de tantas regalias), morava com meus pais numa modesta casa na Rua Peru e depois na Rua Siqueira Campos, ambas na proximidade da Igreja São João e São Judas Tadeu. (E só comentando rapidamente: meu avô materno possuía umas quase quinze casas alugadas nas proximidades da Praça São João - mas sempre ensinou a importância do trabalho... - e fez todo esse patrimônio com uma carroça) Quando nasci - seguindo e segundo o poeta - um anjo torto olhou-me e disse: "Vais ter o olho torto também" - e lá fui eu até os meus quinze anos com um olho para cada lado (popularzão: zaroio), mas nada me fez perder as esperanças e, em dezembro de 1985, os irmãos Doutor Gasparini fizeram a cirurgia de correção. Maravilha. Uma das primeiras feitas aqui na cidade para correção - creio eu. Estão perfeitos; só alteram quando fico nervoso - pois é problema de nervo. E sabe por quê? Minha mãe, quando grávida de sete meses, sofreu uma tontura (queda de pressão) e caiu batendo a barriga nas escadas de acesso à casa - sorte: ESTOU VIVO - e ela também. Mas outro anjo apareceu, daqueles que vivem nas luzes, e disse (fiquei sabendo depois): "Vais ser mestre na vida" - Sou professor... Queria ser advogado, mas cumpriu-se o que o anjo disse. Lembro-me pouca coisa de minha infância. Algumas coisas são interessantíssimas, como alguns tombos (pois tenho cicatrizes até hoje...), viagens, parentes que se foram... Na casa de minha avó materna, dona Francisca, conhecida como Vó Chiquinha, havia uma área enorme e esta dava-se para a rua através de uma rampa totalmente encerada que, por sinal, corríamos e escorregávamos por ela... E, num desses escorregões, fiz um grande talho na testa - marca que carrego até hoje. Ainda lembro de minha avó frigindo ovos para colocar no meio do pãozinho... Que delícia. Na casa de minha avó paterna, vó Rute - que morava na cidade de Avanhandava - setenta quilômetros de Araçatuba, sentido São Paulo, Capital - lembro-me de que íamos de carro, não... melhor dizendo, de Brasília - o bom era chegar, torrar o café, fazê-lo pelando a boca e pegar o pãozinho assado no forno de Barro, na folha de bananeira e passar a manteiga... Delícia. Cresci um pouquinho, voltando para Araçatuba, não fiz prezinho. Fui direto para a primeira série... Lembro-me que carregava todo material numa bolsa verde e minha mãe acompanhava-me até a escola - quatro quadras: Escola "ÍNDIO POTI", na rua Cussy de Almeida - de lá tenho boas recordações nos oito aos que lá vivi e convivi, inclusive uma medalha de melhor aluno na tabuada - isto na quarta série.